

Uso de drogas, níveis de impulsividade e raiva em adolescentes privados de liberdade

Uso de drogas, niveles de impulsividad y enojo en adolescentes privados de libertad
Usage de drogues, niveaux d'impulsivité et de colère chez les adolescents privés de liberté
Drug use, levels of impulsivity, and anger in incarcerated adolescents

Pedro Vasconcelos Corrêa¹, Rosa Maria Martins de Almeida¹

1. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

Para compreender aspectos neuropsicológicos em adolescentes autores de atos infracionais, esse estudo teve como objetivo principal avaliar os níveis de impulsividade, raiva e a frequência do uso de drogas. Foi hipotetizado que adolescentes privados de liberdade apresentariam elevados níveis de impulsividade e de raiva, e que o uso de drogas se iniciaria aos 12 anos e estaria relacionado ao ato infracional. Analisamos 159 adolescentes (idades $M=16,4$ e $DP=1,3$; 88,1% meninos) privados de liberdade na cidade de Porto Velho/RO. Aplicou-se um questionário para a prevalência do uso de drogas e identificação de aspectos sociodemográficos, a escala Barratt e o inventário STAXI. Estatísticas descritivas, frequências e inferenciais indicaram elevados níveis de raiva $t(156)=9243$, $p<0,05$ comparado com $H_a \mu \neq 10,42$ e elevada impulsividade total para $H_a \mu \neq 67,6$, $t(153)=11322$, $p<0,001$. O grupo primário apresentou maior consumo de maconha na vida e reincidentes apresentaram maior consumo para cocaína. Ser reincidente no sistema socioeducativo agiu como fator de risco, elevando em 2 vezes a incidência do ato infracional, enquanto a escolarização demonstrou diminuição de 10% do desfecho. Em conclusão, confirmou-se que autores de atos infracionais apresentaram altos níveis de raiva e de impulsividade que, junto ao uso de drogas, explicaram aspectos do ato infracional, sendo dados importantes para o acompanhamento psicológico e uso pela política pública.

Palavras-chave: raiva, uso de drogas, neuropsicologia, delinquência juvenil, adolescente institucionalizado.

Resumen

Para entender aspectos neuropsicológicos en adolescentes autores de actos delictivos, este estudio tuvo como objetivo principal evaluar los niveles de impulsividad, ira y la frecuencia del uso de drogas. Se hipotetizó que los adolescentes privados de libertad presentarían niveles elevados de impulsividad e ira, y que el uso de drogas comenzaría a los 12 años y estaría relacionado con el acto delictivo. Se analizaron 159 adolescentes (edades $M=16,4$ y $DE=1,3$; 88,1% varones) privados de libertad en la ciudad de Porto Velho/RO. Se aplicó un cuestionario para determinar la prevalencia del uso de drogas e identificar aspectos sociodemográficos, la escala Barratt y el inventario STAXI. Las estadísticas descriptivas, frecuencias e inferenciales indicaron niveles elevados de ira $t(156)=9243$, $p<0,05$ comparado con $H_a \mu \neq 10,42$ y una alta impulsividad total para $H_a \mu \neq 67,6$, $t(153)=11322$, $p<0,001$. El grupo primario presentó un mayor consumo de marihuana en la vida y los reincidentes mostraron un mayor consumo de cocaína. Ser reincidente en el sistema socioeducativo actuó como un factor de riesgo, aumentando en 2 veces la incidencia del acto delictivo, mientras que la escolarización demostró una disminución del 10% del resultado. En conclusión, se confirmó que los autores de actos delictivos presentaron niveles altos de ira e impulsividad que, junto con el uso de drogas, explicaron aspectos del acto delictivo, siendo datos importantes para el seguimiento psicológico y el uso por parte de la política pública.

Palabras clave: ira, uso de drogas, neuropsicología, delincuencia juvenil, adolescente institucionalizado.

Artigo recebido: 20/10/2022; Artigo aceito: 29/04/2024.

Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser enviadas a Pedro Vasconcelos Corrêa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia – R. Ramiro Barcelos, 2600 - Floresta, Porto Alegre – Rio Grande do Sul, RS – Brasil, CEP 90035-002.

E-mail: pedrovasconceloscorrea@hotmail.com

DOI:10.5579/ml.2024.0802

Résumé

Pour comprendre les aspects neuropsychologiques chez les adolescents auteurs d'infractions, cette étude avait pour objectif principal d'évaluer les niveaux d'impulsivité, de colère et la fréquence de l'usage de drogues. On a émis l'hypothèse que les adolescents privés de liberté présenteraient des niveaux élevés d'impulsivité et de colère, et que l'usage de drogues commencerait à l'âge de 12 ans et serait lié à l'acte délictueux. Nous avons analysé 159 adolescents (âges M=16,4 et ET=1,3 ; 88,1% garçons) privés de liberté dans la ville de Porto Velho/RO. Un questionnaire sur la prévalence de l'usage de drogues et l'identification des aspects sociodémographiques, l'échelle Barratt et l'inventaire STAXI ont été administrés. Les statistiques descriptives, fréquentielles et inférentielles ont indiqué des niveaux élevés de colère $t(156)=9243$, $p<0,05$ comparé à $H_0 \mu \neq 10,42$ et une impulsivité totale élevée pour $H_0 \mu \neq 67,6$, $t(153)=11322$, $p<,001$. Le groupe primaire a montré une plus grande consommation de marijuana dans la vie et les récidivistes ont présenté une plus grande consommation de cocaïne. Être récidiviste dans le système socio-éducatif a agi comme un facteur de risque, augmentant de 2 fois l'incidence de l'acte délictueux, tandis que la scolarisation a montré une diminution de 10% de l'issue. En conclusion, il a été confirmé que les auteurs d'infractions présentaient des niveaux élevés de colère et d'impulsivité qui, associés à l'usage de drogues, expliquaient des aspects de l'acte délictueux, ce qui constitue des données importantes pour le suivi psychologique et l'utilisation par la politique publique.

Mots-clés: colère, usage de drogues, neuropsychologie, délinquance juvénile, adolescent institutionnalisé.

Abstract

To understand neuropsychological aspects in adolescents who commit infractions, this study aimed to assess the levels of impulsivity, anger, and the frequency of drug use. The hypothesis was defined that the adolescents deprived of liberty presented high levels of impulsiveness for years, and the use of drugs was at the age of 12 and related to the infraction. A hundred and fifty nine adolescents (deprived of liberty in the city of Porto Velho/RO) were analyzed. A drug found was assigned to the prevalence of use and demographic identification, the STAXI and Barratt scale were used as instruments. Descriptive, frequency and inferential statistics indicated higher levels of anger and high total impulsivity. The primary group had a higher lifetime consumption of marijuana and more relapsed use for cocaine). Being a socioeducational repeat offender acted on the risk factor increasing by 2 times (the incidence of the infraction, while schooling: as an increase of 10% (. In conclusion, it was confirmed that the perpetrators of infractions presented high levels of impulsiveness and that, together with drug use, they explain aspects of the infraction, being important data for psychological monitoring and use by public policy.

Keywords: anger, drug use, neuropsychology, juvenile delinquency, institutionalized adolescent.

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência apresenta elevados custos aos cofres públicos e danos à saúde pública brasileira. Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2020) demonstraram que 29,1 milhões de brasileiros foram impactados pela violência em 2019, sendo o grupo das mulheres, jovens e negros, as maiores vítimas; e a violência interpessoal foi o tipo mais frequente. O caráter multifacetado da violência implica conhecer os diferentes partícipes desse fenômeno: o público adolescente em conflito com a lei (ACL), dimensionado a partir da abordagem biopsicossocial e descrito quanto aos seus aspectos do desempenho neuropsicológico (Armond, 2018).

Existe, no entanto, uma lacuna quanto ao conhecimento dos aspectos neuropsicológicos de ACL no Brasil, o que revela a necessidade de estudar a conduta infracional a partir de escalonamentos de gravidade e distingue trajetórias infracionais (de Santos et al., 2020). Ressalta-se que a conduta infracional episódica é diferente da persistente ao longo da vida (Moffitt, 2020) e essa distinção é essencial para a promoção da proteção e da responsabilização pessoal desses indivíduos (Brasil, 2012), inclusos na faixa etária dos 12 aos 18 anos e sob a proteção integral por parte do Estado brasileiro (Brasil, 1990). Essa problemática situa a importância da avaliação psicossocial interdisciplinar na compreensão do indivíduo em sua historicidade e do papel da neuroplasticidade na adolescência (Vygotsky, 2000; Wei et al., 2023) o que nos faz refletir sobre fatores internalizantes como a raiva (RA) e externalizantes como a impulsividade (IMP), o uso de droga (UD), e o ato infracional (AI) que, juntos, são imprescindíveis ao manejo e à tomada de decisão no acompanhamento socioeducativo desses adolescentes.

Nesse contexto, para compreender aspectos da trajetória de vida e do funcionamento neuropsicológico de ACL em situação de privação de liberdade em instituição socioeducativa (PLIS), estudou-se a IMP, a RA, o UD e o AI. Desse modo, abordou-se o desenvolvimento cerebral, considerando a importância da linguagem para a modulação e a formação de padrões de conexão cerebral (Wei et al., 2023). Esses mecanismos organizam-se de modo hierárquico e transmodal (Xia et al., 2022); e são modificados nos aspectos físicos e neuroquímicos em regiões do hipocampo, córtex pré-frontal e sistema límbico, no período da adolescência (Tetteh-Quarshie & Risher, 2023). Com isso, pode-se compreender que o controle *top-down* do comportamento na adolescência constitui-se a partir de acentuadas estimulações que decorrem da realidade de busca de sensações próprias a esse período da vida (Tieskens et al., 2023). Essa realidade é pouco conhecida com ACL em situação de PLIS.

1.1 Uso de drogas em adolescentes autores de ato infracional

No estudo do comportamento UD, elementos como a frequência e o tipo de consumo efetuado são essenciais para caracterizar a prevalência e para diferenciar perfis de usuários (de Almeida et al., 2014). Fatores de riscos interpessoais como nível socioeconômico e influência de pares (ambiente de vizinhança, existência de grupos organizados para prática de crimes e abuso físico na infância) e presença de reiteração infracional, aumentam a chance do UD (Ellingson et al., 2019; Vega-Cauich & Zurrá, 2019).

Evidências apontaram as idades de 12 e 13 anos como início para o UD, sendo a idade de início do consumo associada com a presença de crimes violentos anteriores à entrada em instituições de privação de liberdade, ao tipo de

ato infracional praticado e ao perfil de consumo (Vega-Cauich & Zurrá, 2019). A característica de policonsumo foi associada ao maior consumo atual e indicou ser um bom preditor para a reiteração infracional (Aebi et al., 2021).

Ainda sobre a descrição do padrão de consumo, verificou-se que drogas lícitas, como o tabaco, consistem na porta de entrada para o consumo de outras substâncias (Al-Kassab-Córdova et al., 2021). Ocorre também maior presença de abstinência de maconha anterior à privação de liberdade (Al-Kassab-Córdova et al., 2021), e de comorbidades psiquiátricas (uso e abuso de álcool e problemas no comportamento social) em usuários de inalantes (Zachrisson et al., 2017). Tais características, em conjunto, salientam para o UD como fator de risco na adolescência (Tetteh-Quarshie & Risher, 2023) e associado a comportamentos agressivos (Welch-Brewer & Roberts-Lewis, 2011).

1.2 Impulsividade e raiva em ACL autores de ato infracional

A impulsividade é caracterizada como multifatorial nos aspectos motor, atencional e por não planejamento, definindo-se como ação veloz sem prévio planejamento e controle, relacionada com comportamentos de busca de sensações e pouca tolerância ao atraso de gratificações (Joyal et al., 2020; Niv et al., 2012; Wilhelm et al., 2016). Ações impulsivas consistem, portanto, em comportamentos que mudam no decorrer de sua manifestação e ocorrem sem planejamento prévio (Joyal et al., 2020; Parcias et al., 2014).

Menores níveis de impulsividade são esperados conforme o aumento da idade (Shannon et al., 2011), sendo maiores níveis observados em adolescentes infratores (Zhou et al., 2014b; Joyal et al., 2020; Vilà-Balló et al., 2015). Da mesma forma, nesse público, verificaram-se menores níveis para as respostas de inibição (Fine et al., 2016; Borrani et al., 2015), e a presença de associação entre a impulsividade (déficit de monitoramento de erro e processamento inibitório) com a agressividade (Vilà-Balló et al., 2015).

Na explicação do padrão de impulsividade em adolescentes infratores, observa-se a existência de menores padrões de conectividade funcional do córtex pré-motor com redes atencionais e do controle executivo (Shannon et al., 2011). Enquanto fator de risco, a presença de elevada impulsividade motora e por não planejamento relacionou-se a maiores problemas internos de ansiedade e depressão com participação em agressão e ofensas (Zhou et al., 2014a). E, em agressores violentos, observou-se maior impulsividade atencional (Zhou et al., 2014b).

Ao pensar sobre o papel do constructo da impulsividade e da sua relação com a reiteração infracional, observou-se uso de atividades de autorrelato e tarefas Go/NoGo (Fine et al., 2016). Uma menor inibição de respostas também apresenta associação com baixo nível escolar e com maior delinquência (Borrani et al., 2015). Desse modo, a impulsividade e a agressão são bons preditores para o desfecho de comportamento violento (Zhou et al., 2014b).

Outro fator de risco para a violência é o sentimento de raiva, que apresenta componentes cognitivos, somáticos e comportamentais, e elevados níveis nos jovens infratores ao adentrarem em instituições de privação de liberdade (Kelly et al., 2019; Llorca Mestre et al., 2017). Desse modo,

indicadores de desregulação da raiva apresentam-se como preditores de sintomas externalizantes de agressão (Urban et al., 2017). No aspecto emocional, verifica-se que o sentimento de raiva emerge como constructo subjacente ao comportamento de agressão e que, em adolescentes em conflito com a lei, a agressão reativa é elevada e mostra-se relacionada a menor resposta inibitória (Feilhauer et al., 2012; Gupta et al., 2015). Quanto ao aspecto biológico, as evidências indicam a presença de menores volumes de massa cinzenta na região subcortical de ofensores (Cope et al., 2014), bem como a presença de disfunção no circuito amígdalar (Aghajani et al., 2021).

Assim, ao revisar as variáveis IMP, RA e UD em adolescentes, observam-se lacunas quanto ao perfil epidemiológico do UD e níveis de IMP e RA nos ACL em situação de PLIS. Apresentada esta realidade, este estudo teve como objetivo geral avaliar e descrever os níveis de impulsividade, de raiva e a frequência do uso de drogas em ACL em situação de PLIS.

Especificamente, o estudo objetivou: 1) identificar os níveis de impulsividade e de raiva em adolescentes privados de liberdade; 2) caracterizar o uso de drogas; e, 3) verificar associações entre níveis de impulsividade, raiva e frequência do uso de drogas com o ato infracional em adolescentes privados de liberdade. Para tanto, foram hipóteses: 1) Adolescentes privados de liberdade apresentariam elevados níveis de impulsividade e de raiva; e, 2) O uso de drogas em adolescentes privados de liberdade se iniciaria aos 12 anos, com padrão de uso relacionado com o ato infracional (Luhning et al., 2014; Bono, 2015; Komatsu et al., 2021).

2. MÉTODO

2.1 Participantes

A amostragem foi não probabilística, do tipo por conveniência. Foram incluídos participantes que atenderam aos critérios de elegibilidade do estudo (voluntariedade e idade de 12 a 21 anos), sendo critérios de exclusão a incapacidade para resposta aos instrumentos e o não interesse. Assim, participaram 159 ACL em situação de PLIS com tempo de privação em instituições socioeducativas de um a 1020 dias, no momento da coleta de dados. A média de idade foi de $M=16,4$ e $DP=1,3$ anos (abrangendo a faixa de 13 a 19 anos). Desses, 88,1% eram do sexo masculino, 9,4% do sexo feminino e 2,5% se declararam mulher transexual. A média de escolarização foi de $M=6,6$ e $DP=2,1$ anos de estudo, variando de 2 a 11 anos completos. Quanto à família, 50,3% declararam não ter contato com o pai e, quanto ao relacionamento com a mãe, 81,5% o qualificaram como bom. Para outros aspectos sociodemográficos descritivos ver Tabela 1.

Destaca-se que 70,3% dos participantes relataram uso de algum tipo de arma no ato infracional. Dessas, quanto ao tipo, 50,1% foram armas de fogo, e 19,6% utilizaram arma branca. Outros 29,7% não relataram uso de arma. O motivo de estar com uma arma foi indicado por 51,6% como para a prática do ato infracional, e a origem da arma não foi declarada por 33,5%, sendo que 32,9% dos participantes indicaram o acesso por meio de amigos. A trajetória infracional dessa amostra indicou que 62,6% relataram ser sua

primeira passagem na socioeducação, e 37,3% apresentaram de duas até cinco passagens. No aspecto realização do ato infracional, 83,9% dos participantes indicaram ter realizado o

ato em dupla ou grupo e apenas 16,1% indicaram realização do ato sozinhos.

Tabela 1.
Análise sociodemográfica da amostra em frequência absoluta e relativa

Variável		(%) total	Variável		(%) total
Cor	Branco	18,2%	Trabalho	Sem regularização	49%
	Preto	17,0%		Regularizado	1,9%
	Pardo	64,8%		Não trabalhava	49%
Classe	B1-B2	6,4%	Esporte	Sim	70,1%
	C1-C2	34,2%		Não	29,9%
	D-E	59,4%	Relação marital dos pais	Vivem juntos	19,1%
Moradia	Com mãe	48,7%		Vivem separados	54,1%
	Com pai	11,4%		Um já falecido e outra opção	26,7%
	Com mãe e pai	11,4%	Escolarização chefe da família	Não sabia informar	42,6%
	Com avós	7,6%		Fundamental completo	2,6%
	Outras opções	20,9%		Fundamental incompleto	26,5%
Situação escolar	Frequentando	34,2%	Médio completo	14,8%	
	Evadido	65,8%	Médio incompleto	7,7%	
Histórico de reprovação/abandono escolar	Sim	90,0%	Superior	3,9%	
	Não	10,0%	Religião	Sim	54,8%
		Não		45,2%	

2.2 Instrumentos

Questionário

O UD foi mensurado por questionário abrangendo os tópicos: uso na vida, no mês e no ano anterior; idade do primeiro uso para 13 tipos de substâncias; prevalência do uso e percepções associadas. O instrumento baseou-se em parâmetros da Organização Mundial de Saúde e, no Brasil, exibiu bom uso em pesquisa (Wilhelm, 2019), e a versão utilizada foi adaptada de Carlini et al. (2010). Neste instrumento inseriu-se variáveis de classificação sociodemográfica da amostra (ABEP, 2021), e dados da trajetória infracional.

Escala

A impulsividade foi avaliada pela Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) versão de von Diemen (2006). Essa, adaptada e validada para o português em estudo com n=464 adolescentes masculinos com coeficiente alfa de Cronbach de 0,62 para 30 itens, com gradação do tipo Likert, sem ponto de corte (von Diemen et al., 2007). Malloy-Diniz et al. (2010) apresentaram adaptação da escala e, no Brasil, estudos de Almeida et al. (2014) e de Wilhelm (2019) relataram bom uso do instrumento.

Inventário

O sentimento de raiva foi avaliado pelo Inventário de Expressão de Raiva como estado e traço - STAXI (Spielberger & Biaggio, 1992/2003), que avalia oito variáveis para a descrição do sentimento de raiva: estado, traço, controle, expressão, temperamento, reação, raiva para dentro e raiva para fora; contidos em 44 itens do tipo Likert de quatro pontos (Nascimento, 2006).

2.3 Procedimentos de coleta e análise de dados

A coleta de dados ocorreu em três instituições socioeducativas da cidade de Porto Velho, estado de Rondônia, região amazônica brasileira, sendo duas unidades masculinas (uma de internação provisória e outra de internação sentenciada) e uma unidade feminina (de internação provisória e sentenciada). Para acesso ao campo, solicitou-se autorização do dirigente de cada instituição, da Fundação de Atendimento Socioeducativo do estado de Rondônia/BR. A coleta de dados ocorreu no momento do atendimento psicológico individual, iniciando-se o procedimento com estabelecimento de *rapport* quanto a confidencialidade, garantia de anonimato e sigilo no uso das informações coletadas e com a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para menores de idade e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para maiores de idade, familiares ou diretores das instituições na ausência dos familiares. O procedimento durou até três sessões de uma hora e trinta minutos cada, realizadas em condições adequadas de avaliação neuropsicológica, em conformidade com os procedimentos de segurança adotados em cada instituição e no período de março de 2021 a outubro de 2022. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul com parecer de aprovação 5.492.733, CAA 59004422.1.00005334.

Foram utilizadas estatísticas descritivas (frequência, média e desvio-padrão) para as variáveis uso de drogas, raiva e impulsividade e sociodemográficas. Para verificar diferenças entre dados categóricos da frequência do uso de drogas por grupo, utilizou-se o Teste x2. Diferenças da média

de idade do primeiro consumo de drogas e dos níveis de raiva com valores padronizados, foram verificadas com o teste W de Wilcoxon. Associações foram identificadas com uso de correlação bisserial de Spearman. Definiu-se o grupo primário (uma passagem na unidade socioeducativa provisória) e reiterante (mais de uma passagem em unidade socioeducativa) sendo realizada análise de variância (MANOVA) com o objetivo de avaliar diferenças. A normalidade dos dados foi verificada com uso dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk, e a condição de homogeneidade da variância foi avaliada pelo teste de Levene. Ao verificar a heterogeneidade de variância, solicitou-se a correção de Welch e avaliação de *post-hoc* de Games-Howell. As médias de diferenças entre os grupos foram apresentadas em intervalo de confiança de 95%. Posteriormente, realizou-se uma Regressão de tipo Quasi-Poisson (Modelo Log-Linear de Poisson pertencente à família de Modelos Lineares Generalizados - MLG) para o desfecho do ato infracional. Em

todas as estatísticas do estudo, ajustou-se o modelo à significância para o nível $p < 0,05$, realizadas com o *software* Jamovi (2022), na versão 2.3.16.0.

3. RESULTADOS

A frequência do UD na vida indicou o álcool e a maconha como substâncias mais utilizadas, sendo maior nos primários do que nos reiterantes. Esse grupo indicou maior frequência de UD na vida para haxixe e cocaína. No mês e no ano, o UD foi maior para maconha na amostra geral, e UD no ano, maior para inalantes, e maconha nos reiterantes. Drogas estimulantes como a cocaína foram mais frequentes nos reiterantes no UD na vida; e nessa amostra, o consumo de drogas pesadas (crack) foi pequeno, e de heroína e alucinógenos, pouco frequente. Quanto ao UD, ver Tabela 2.

Tabela 2.

Frequência do UD (13 tipos) na vida, no mês e no ano em 159 ACL em situação de PLIS e nos grupos: primários e reiterantes em ato infracional

Uso de drogas	Frequência total		Frequência por grupos			
	Sim	Não	Primário		Reincidente	
			Sim	Não	Sim	Não
UV-Álcool	91,1%	8,9%	53,2%	4,4%	38,0%	4,4%
UV-Energético	79,7%	20,3%	46,2%	11,4%	33,5%	8,9%
UV-Energético e álcool	60,8%	39,2%	34,2%	23,4%	26,6%	15,8%
UV-Cigarro	82,9%	17,1%	45,6%	12,0%	37,3%	5,1%
UV-Narguilé	75,3%	24,7%	46,2%	11,4%	29,1%	13,3%
UV-Inalantes	48,4%	51,6%	24,2%	33,8%	24,2%	17,8%
UV-Haxixe	27,4%	72,6%	10,2%	47,8%	17,2%	24,8%
UV-Maconha	87,9%	12,1%	47,8%	10,2%	40,1%	1,9%
UV-Cocaína	46,5%	53,5%	21,0%	36,9%	25,5%	16,6%
UV-Crack ou Merla	3,8%	95,5%	2,5%	55,4%	1,3%	40,7%
UV-Heroína ou ópio	0,6%	99,4%	0,6%	57,3%	0,0%	42,0%
UV-LSD	9,6%	90,4%	5,7%	52,2%	3,8%	38,2%
UV-Êxtase	1,9%	98,1%	0,6%	57,3%	1,3%	40,8%
UM-Álcool	42,7%	57,3%	24,7%	33,1%	17,8%	24,2%
UM-Cigarro	48,3%	51,6%	29,3%	28,7%	18,5%	23,5%
UM-Inalante	14%	86,0%	5,1%	52,9%	8,9%	33,1%
UM-Maconha	51,6%	48,4%	26,7%	31,2%	24,9%	17,2%
UM-Cocaína	20,4%	79,6%	10,2%	47,8%	10,1%	31,8%
UM-Crack ou merla	3,8%	96,2%	1,2%	56,7%	1,9%	40,1%
UA-Álcool	70,3%	29,7%	39,9%	17,7%	30,4%	12,0%
UA-Cigarro	67,1%	32,9%	34,2%	23,4%	32,9%	9,5%
UA-Inalantes	31,2%	68,8%	14,6%	43,3%	16,6%	25,4%
UA-Maconha	70,7%	29,3%	35,0%	22,9%	35,7%	6,4%
UA-Cocaína	29,9%	70,1%	14,0%	43,9%	15,9%	26,1%
UA-Crack ou Merla	3,1%	96,8%	1,2%	56,7%	1,9%	40,1%

Nota. Uso na vida (UV). Uso no mês (UM). Uso no ano (UA). Destaque: frequências significativas.

O uso de maconha na vida apresentou diferenças $\chi^2(1, 157)=6,1, p<0,05$, sendo maior em primários, enquanto a cocaína $\chi^2(1, 157)=9,1, p<0,05$, foi maior em reiterantes. O uso no mês para inalantes foi maior em reiterantes $\chi^2(1, 157)=4,9, p<0,05$; e, quanto ao uso no ano, primários apresentaram maior uso de cigarro $\chi^2(1, 157)=5,8, p<0,05$, e reiterantes, maior uso de maconha $\chi^2(1, 157)=11,0, p<0,05$. No período de até seis meses anterior ao ato infracional, primários relataram maior consumo de drogas $\chi^2(1, 157)=4,7, p<0,05$, enquanto que, para o mês anterior, o consumo foi maior nos reiterantes $\chi^2(1, 157)=9,08, p<0,05$.

Ao caracterizar a idade do primeiro consumo de drogas, verificou-se: álcool (M=13,6 e DP=2,1, 6-18); cigarro (M=13,6 e DP=2,2, 6-18); maconha (M=13,6 e DP=1,9, 7-17); inalantes (M=14,3 e DP=1,6, 8-17); cocaína (M=14,6 e DP=1,3, 11-17); crack ou merla (M=14,7 e DP=1,5, 13-17). A frequência absoluta do número de casos que apresentaram uso aos 12 anos ou menos indicou o total de n=33 para álcool; n=32 para cigarro; n=31 para inalantes; n=49 para maconha; n=23 para cocaína e, para crack ou merla, a idade relatada foi a partir dos 13 anos. Para verificação de diferença dessas médias com o parâmetro de 12 anos de idade (Luhring et al., 2014; Bono, 2015; Komatsu et al., 2021), testou-se a Ha. $\mu > 12$ anos, verificando-se diferenças (W de Wilcoxon) para álcool $t(132)=5871,5, p<,001$; cigarro $t(120)=5005,5, p<,001$; e maconha $t(128)=5814,5, p<,001$, indicando médias maiores na amostra desse estudo.

Os contextos associados ao uso de drogas indicou ser a casa de amigos o lugar de maior frequência para o primeiro uso de álcool em 35,3% dos casos, 26,9% para cigarro e 26,9% para outras drogas. A categoria amigo foi indicada como principal par para consumo de álcool por 48,1% e por 50% para outras drogas. Nessa amostra, 60,6% não indicaram algum familiar para uso de álcool, categoria seguida de 15,5% que indicaram o pai; e, para outras drogas, 82,7% indicaram não ter familiar que fazia uso, seguindo da categoria outros familiares (6,4%) e irmãos (5,1%). Quanto à percepção do uso, 51,9% indicaram ser algo ruim; 94,2% indicaram não conhecer outras drogas além daquelas apresentadas no questionário. O autorrelato do UD no contexto do ato infracional indicou que 68,4% não fizeram uso no dia do ato

infracional; 67,1% fizeram uso no mês e 61,3% relataram uso no período de até seis meses antes, sendo a maconha a droga de maior consumo no contexto do ato infracional, com 40,3%, seguida de cocaína, 11,0%.

A comparação dos primários e reiterantes quanto aos níveis de impulsividade e de raiva não demonstrou diferenças, sendo apresentadas as médias e DP considerando a amostra geral e a condição de agrupamento (ver Tabela 3 e Tabela 6).

Para o domínio da raiva, compararam-se as médias dessa amostra com valores padronizados (Spielberger & Biaggio, 1992/2003) sendo a diferença significativa em todas as categorias (ver Tab. 4), o que indica médias maiores, exceto na categoria controle da raiva.

Tabela 3.

Níveis de raiva e de impulsividade em 159 ACL em situação de PLIS e nos grupos: primários e reiterantes em ato infracional

Variáveis	Média			Desvio padrão		
	T	P	R	T	P	R
IT	74,9	75,5	74,2	6,3	2,3	6,3
IM	26,7	26,9	26,4	4,7	5,4	3,6
IA	21,3	21,3	21,3	3,9	4,2	3,4
INP	26,3	26,4	26,2	4,3	4,7	3,7
ER	12,7	12,3	13,2	4,4	4,1	4,8
TR	21,5	21,6	21,2	6,7	7,0	6,4
RPD	18,3	17,7	19,2	5,0	5,0	5,0
RPF	14,7	14,6	14,9	4,4	4,5	4,3
CR	19,3	19,1	19,7	5,0	5,1	5,0
EXPR	30,4	30,3	30,5	9,7	10,0	9,5
TRA	7,9	8,0	7,9	3,4	3,1	3,9
RR	9,7	9,8	9,6	3,3	3,5	3,0

Nota. Impulsividade total (IT). Impulsividade motora (IM). Impulsividade atencional (IA). Impulsividade por não planejamento (INP). Estado de raiva (ER). Traço de raiva (TR). Raiva para dentro (RPD). Raiva para fora (RPF). Controle de raiva (CR). Expressão de raiva (EXPR). Temperamento raivoso (TRA). Reação de raiva (RR). Grupo: total (T); primário (P); reiteração (R).

Tabela 4.

Níveis de raiva em 159 ACL em situação de PLIS comparados com valores padronizados

	Média padronizada	Média amostra	DP amostra	P	Diferença média	Intervalo de confiança a 95%		Dimensão do efeito
						Lim. inferior	Lim. superior	
Estado de raiva	10,4	12,7	4,4	<,001	1,9	0,6	2,1	0,5
Traço de raiva	14,7	21,5	6,7	<,001	6,3	5,3	7,8	0,9
Raiva dentro	14,0	18,3	5,0	<,001	4,0	3,5	5,0	0,7
Raiva fora	11,5	14,7	4,4	<,001	3,0	2,0	3,5	0,8
Controle raiva	25,1	19,3	5,0	<,001	-6,1	-6,6	-5,1	-0,9
Expressão raiva	16,4	30,4	9,7	<,001	1,4	12,1	15,1	1,0
Temper. raivoso	5,4	7,9	3,4	<,001	2,1	1,6	2,6	0,8
Reação raiva	6,7	9,7	3,3	<,001	2,8	2,3	3,3	0,8

Nota. N=156. Estatística W. de Wilcoxon - $H_3 \mu \neq$ Média para todas as variáveis. Dimensão do efeito: correlação bisserial de ordens.

Os níveis de impulsividade foram comparados a valores apresentados em estudos prévios. Com base em Wilhelm et al. (2020) em estudo com N=30 infratores, considerou-se a $H_a \mu \neq 67,6$, em que diferenças foram observadas (W de Wilcoxon) $t(153)=11322$, $p<,001$ para a impulsividade total; $H_a \mu \neq 22,3$ para impulsividade motora $t(155)=11354$, $p<,001$;

$H_a \mu \neq 20,13$ para impulsividade atencional $t(155)=8315$, $p<,001$; $H_a \mu \neq 25,16$ para impulsividade por não planejamento $t(155)=8628$, $p<,001$, indicando maiores médias na amostra deste estudo. Ao se comparar com a média da impulsividade total de N=870 (Almeida, 2014) verificou-se

$H_a \mu \neq 65,15$ em que foram observadas diferenças (W de Wilcoxon) $t(153)=11759$, $p<,001$, indicando maior média na amostra deste estudo.

Estatísticas da variável impulsividade enquanto grupo não apresentaram significância comparada ao uso de maconha na vida $\chi^2(1, 154)=3,08$, $p<,0,08$ (IC 95%: -0,24 – 0,03), uso de drogas no mês $\chi^2(1, 153)=0,04$, $p<,0,95$ (IC 95%: -0,168 – 0,178) e quanto a histórico de privação de liberdade $\chi^2(1, 153)=0,05$, $p<,0,82$ (IC 95%: -0,164 – 0,206). O Quadro 1 traz a visualização dessas associações.

Quadro 1.

Relação entre variável de grupo impulsividade com privação de liberdade e uso de drogas

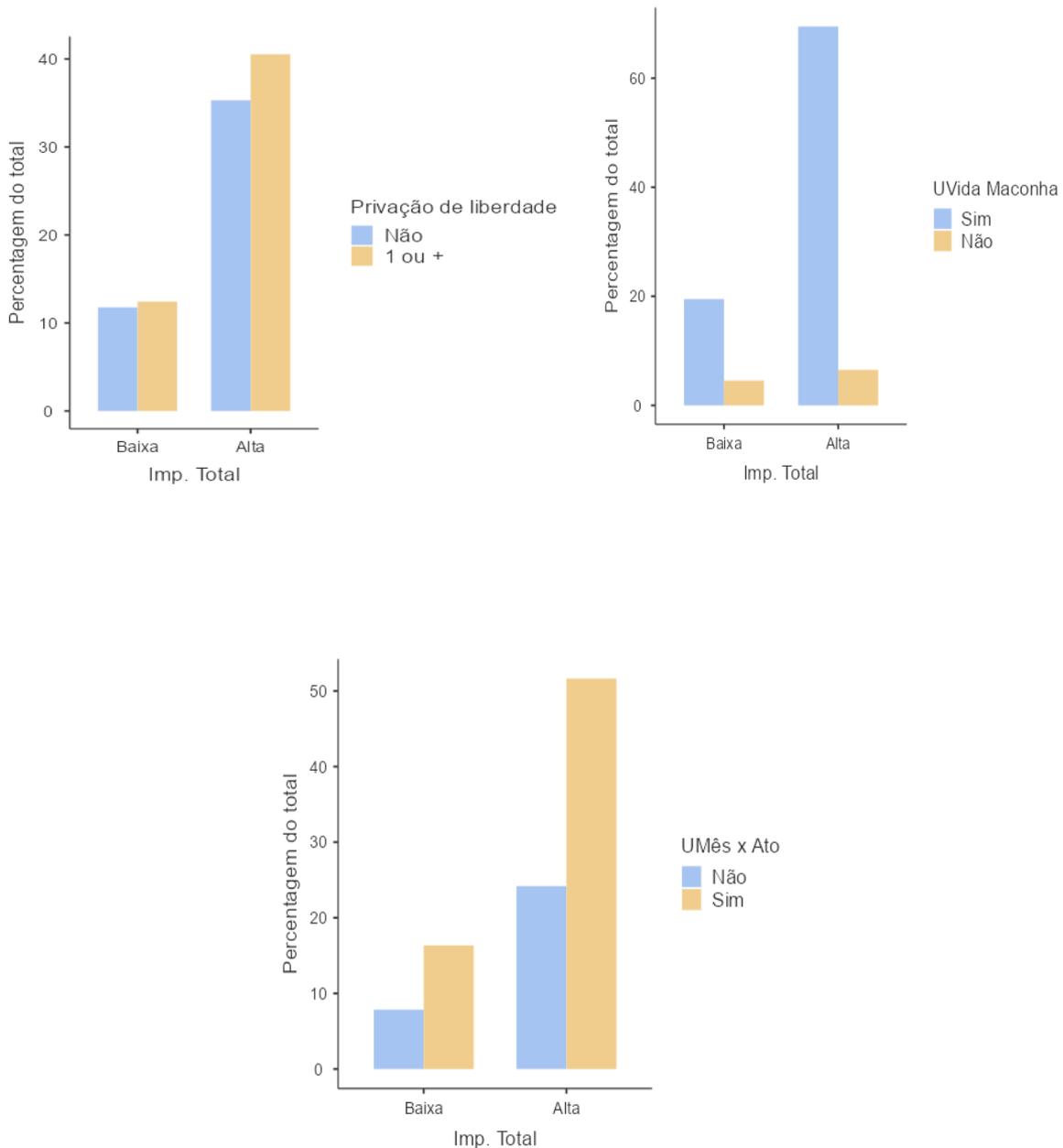


Tabela 5.
Matriz de correlação: ato infracional, raiva, impulsividade e uso de drogas

	N°CP	SAJ	IT	IM	IA	TR	RR	RPF	EXPR	RPD	Id.1° UA	Id.1° UCIG	Id.1° UMA	UDIA	UDM	UD6	UM MA
N°CP	—																
SAJ	0,6***	—															
IT	0	-0,1	—														
IM	0	-0,1	0,5***	—													
IA	0	0	0,6***	0,1	—												
TR	0	0	0,2*	0,3***	0	—											
RR	0	0	0,2*	0,3***	0	0,8***	—										
RPF	0,1	0	0,3**	0,3***	0	0,6***	0,5***	—									
EXPR	0,1	0	0,1	0,2*	-0,1	0,5***	0,3***	0,7***	—								
RPD	0,1	0,2*	0,1	0,1	0	0,5***	0,4***	0,5***	0,7***	—							
Id.1°UA	0	0,1	-0,1	-0,1	0	-0,2**	-0,2*	-0,1	-0,2*	-0,3**	—						
Id.1°UCIG	-0,1	0	-0,2**	-0,2*	-0,2*	-0,2*	-0,2	-0,1	-0,1	-0,1	0,7***	—					
Id.1°UMA	-0,2*	-0,2*	-0,1	-0,1	-0,1	-0,1	0	-0,1	-0,1	-0,1	0,6***	0,7***	—				
UDDIA	0,1	0	0,1	0,1	0	0,2**	0,2*	0,2*	0,2*	0,2*	-0,1	-0,1	0	—			
UDM	0,2**	0,2**	0	0	-0,1	0,1	0,1	0	0	0,1	-0,1	0	0	0,2**	—		
UD6	0,2**	0,2*	-0,1	0	-0,1	0,2*	0,1	0,1	0,1	0,2	-0,1	-0,1	-0,1	0,3***	0,5***	—	
UMMA	0,6	0,1	0	0,1	0	0,2**	0,3***	0,2**	0,2**	0,2**	0	-0,0	-0,0	0,3***	0,3***	0,5***	—

Nota. * p < .05, ** p < .01, *** p < .001. Número de passagens na central de polícia-N°CP. Situação atual com a justiça (SAJ). Impulsividade total (IT). Impulsividade motora (IM). Impulsividade atencional (IA). Traço de raiva (TR). Reação de raiva (RR). Raiva para fora (RPF). Expressão de raiva (EXPR). Raiva para dentro (RPD). Idade do primeiro uso de álcool (Id.1°UA). Idade do primeiro uso de cigarro (Id.1°UCIG). Idade do primeiro uso de maconha (Id.1°UMA). Uso de drogas no dia do ato infracional (UDDIA). Uso de drogas no mês do ato infracional (UDM). Uso de drogas em até seis meses do ato infracional (UD6). Uso de droga no mês maconha (UMMA). Destaque dos autores.

Correlação elevada ocorreu entre traço e reação de raiva ($r=0,8$, $p<0,05$), sendo a mais forte do modelo. Entre a impulsividade total e a motora com a raiva para fora, ocorreu associação muito pequena ($r=0,3$, $p<0,05$), e esse padrão também pode ser verificado entre o uso de droga no dia do ato e uso no mês anterior para maconha com a reação de raiva ($r=0,2$, $p<0,05$). Em relação ao uso de drogas, correlação moderada ocorreu entre as idades de primeiro uso do álcool e cigarro ($r=0,7$, $p<0,05$) (ver Tabela 6).

Análise de MANOVA (ver Tabela 6) indicou diferenças para a idade do primeiro uso da maconha [Welch's $F(1,159) = 5.8339$, $p<0,017$], anos de escolarização [Welch's $F(1,159) = 4.4114$, $p<0,017$], número de passagens na central de polícia [Welch's $F(1,159) = 23,5536$, $p<0,017$], e idade do primeiro ato infracional [Welch's $F(1,159) = 11.5335$, $p<0,017$]. O teste post-hoc Games-Howell indicou que a menor idade para o primeiro uso da maconha e a maior escolarização ocorreram no grupo primário, com o grupo de reiterantes apresentando média maior para número de passagens na central de polícia e menor idade para realização do primeiro ato infracional.

Realizou-se uma regressão de Poisson para identificar características associadas com o número de passagens na central de polícia. O pressuposto de

equidispersão não foi acatado sendo a $M=3,39$ e a variância = 12,3 indicadoras de superdispersão. Desse modo, realizou-se a regressão do tipo quasi-Poisson em que o Loglikelihood ratio test foi significativo para seis preditores. Por meio da análise multivariada (ver Tabela 7), observou-se que ser reincidente no sistema de justiça (fator de risco) elevou em 2 vezes (IC95%: 1,5-2,6) a incidência de passagens na central de polícia. Além disso, ter realizado uso de drogas em até seis meses antes do ato infracional (fator de risco) elevou em 1,679 vezes (IC95%: 1,2-2,3) o risco para maior número de passagens na central de polícia. A impulsividade motora e a expressão de raiva também mostraram-se como fatores de risco para ato infracional. Neste modelo, a escolarização demonstrou diminuição de 10% (IC%: 0,9-1,0) na incidência do evento; e o uso da maconha no mês indicou diminuição de 40% (IC%:0,5-0,8) para o desfecho número de passagem na central de polícia. Porém, é importante destacar que esse não constitui um fator protetivo para o ato infracional, pois, o primeiro nível dessa variável corresponde à primeira passagem na Central de Polícia e com desdobramento de primeira passagem na Unidade Socioeducativa Provisória.

Tabela 6.

Estatísticas descritivas MANOVA das diferenças entre grupos primário e reincidente

	Média		Desvio-padrão		F	gl1	gl2	p
	P	R	P	R				
Impulsividade total	75,5	74,2	6,3	6,3	1,49743	1	140	0,223
Impulsividade motora	26,9	26,4	5,4	3,6	0,36040	1	152	0,549
Impulsividade atencional	21,3	21,3	4,2	3,4	0,00328	1	153	0,954
Impulsividade não planejamento	26,4	26,2	4,7	3,7	0,03219	1	154	0,858
Estado raiva	12,3	13,2	4,1	4,8	1,6192	1	126,8	0,206
Traço raiva	21,6	21,2	7,0	6,4	0,1498	1	146,5	0,699
Raiva dentro	17,7	19,2	5,0	5,0	3,6093	1	138,3	0,060
Raiva fora	14,6	14,9	4,5	4,3	0,2218	1	140,5	0,638
Controle raiva	19,1	19,7	5,1	5,0	0,5159	1	140,7	0,474
Expressão raiva	30,3	30,5	9,9	9,5	0,0217	1	141,7	0,883
Temperamento raivoso	8,0	7,9	3,1	3,9	0,0175	1	121,3	0,895
Reação raiva	9,8	9,6	3,5	3,0	0,1085	1	150,2	0,742
Idade 1º uso álcool	13,4	13,7	2,2	1,9	0,5860	1	128,0	0,445
Idade 1º uso do cigarro	13,6	13,5	2,0	2,4	0,0743	1	96,8	0,786
Idade 1º uso inalantes	14,5	14,1	1,4	1,8	0,8806	1	61,2	0,352
Idade 1º uso maconha	13,8	13,2	1,7	2,0	5,8339	1	112,6	0,017
Idade 1º uso cocaína	14,6	14,6	1,4	1,3	0,0472	1	60,1	0,829
Idade 1º uso crack ou merla	14,2	15,5	1,3	2,1	0,5906	1	1,4	0,553
Anos de escolarização	6,9	6,2	2,1	2,1	4,4114	1	137,2	0,038
Passagens na Central de Polícia	2,3	3,0	4,9	3,6	23,5536	1	126,6	<,001
Idade do 1º ato infracional	14,9	14,0	1,6	1,8	11,5335	1	127,6	<,001

Nota. Análise Manova. A categoria Idade do 1º uso de crack ou merla não foi utilizada para fins de análise estatística devido ao pouco número de caso para essa variável ($n=4$ e $n=2$; primário e reincidente). Destaque dos autores.

Tabela 7.*Modelo linear quase-Poisson: desfecho número de passagens na Central de Polícia*

Nomes	Efeito	Estimativa	SE	95% Intervalo de confiança		exp(B)	95% Exp(B) Intervalo de confiança		z	p
				Menor	Maior		Menor	Maior		
(Intercept)	(Intercept)	1,0894	0,07489	0,9	1,2	3,0	2,5	3,4	14,5	<,001
Escolarização	Escolarização	-0,0884	0,03182	-0,1	-0,0	0,9	0,9	1,0	-2,8	0,006
SAJ	1 – 0	0,6929	0,13319	0,4	1,0	2,0	1,5	2,6	5,2	<,001
Expr. de raiva	Expr. de raiva	0,0165	0,00602	0,0	0,0	1,0	1,0	1,0	2,7	0,007
Imp. motora	Imp. motora	0,0386	0,01561	0,0	0,1	1,0	1,0	1,1	2,5	0,015
Uso 6 meses ato	1 – 0	0,5184	0,15581	0,2	0,8	1,7	1,2	2,3	3,3	0,001
Uso mês Maconha	1 – 0	-0,5021	0,13771	-0,8	-0,2	0,6	0,5	0,8	-3,6	<,001

Nota. Escolarização em anos completados. Situação atual no sistema de justiça (SAJ): classifica em primário (pelo menos uma vez na Unidade Provisória Socioeducativa – 0), e, em reincidente (de duas ou mais vezes na Unidade Provisória Socioeducativa – 1). Uso de drogas em até seis meses anterior ao ato infracional – Uso 6 meses ato (1 corresponde a sim; e 0 a não). Uso de maconha no mês anterior a entrada na Unidade Provisória Socioeducativa-UM Maconha (1 indica sim e 0 indica não).

4. DISCUSSÃO

Especificidades quanto ao UD na condição de ser primário ou reincidente no sistema socioeducativo contribuíram para qualificar de maneira diferente a amostra deste estudo, sendo importante na compreensão dos escalonamentos de gravidade (de Santos et al., 2020) a presença do consumo de drogas como cocaína e inalantes no grupo de reincidentes. Desse modo, fatores como a idade do primeiro consumo de maconha, escolarização, número de passagens na central de polícia e a idade do primeiro ato infracional diferenciaram os grupos e reforçaram a importância do conhecimento dessa característica na trajetória infracional (de Santos et al., 2020), sendo também importante para a caracterização da conduta infracional episódica na adolescência (Moffitt, 2020).

O padrão de consumo de drogas indicou que o uso em até seis meses anterior ao ato infracional participou do desfecho infração, tal como relatado em pesquisas anteriores (Casey & Jones, 2010; Komatsu et al., 2021). Essa realidade reitera dados da pesquisa de Almeida et al. (2014) quanto ao papel desempenhado pela caracterização da frequência do uso de drogas para o estabelecimento de perfis de usuários. E, quanto à idade do primeiro uso de drogas, os dados indicaram a faixa de 12 a 13 anos (Vega-Cauich & Zurrá, 2019), apontando, no entanto, uma precoce exposição ao consumo de drogas nessa amostra em que drogas lícitas descrevem as maiores frequências e confirmam serem uma porta de início para o consumo persistente (Al-Kassab-Córdova et al., 2021). Os dados corroboraram também a verificação do papel das relações de amizade para o consumo de álcool e de outras drogas, repetindo o conhecimento quanto à ação dos fatores de riscos interpessoais (nível socioeconômico e influência de pares) para o uso e, consequentemente, a sua presença na reiteração infracional (Ellingson et al., 2019; Vega-Cauich & Zurrá, 2019).

Especificidades do uso da maconha nessa amostra, corroboraram o conhecimento indicativo da presença elevada

desse uso prévio à privação de liberdade (Al-Kassab-Córdova et al., 2021). Apontou a situação do policonsumo como realidade presente nessa amostra (Aebi et al., 2021). Tal como visto por Zachrisson et al. (2017), o padrão de uso de inalantes se configurou como grave e presente em reincidentes.

Os níveis de impulsividade e de raiva identificados foram elevados quando comparado a estudos prévios (Wilhelm et al., 2020; Spielberger & Biaggio, 1992/2003). Essa realidade permitiu-nos confirmar a hipótese da presença de maiores níveis de impulsividade em adolescentes autores de infração já evidenciada em outros estudos (Shannon et al., 2011; Zhou et al., 2014b; Joyal et al., 2020; Vilà-Balló et al., 2015).

A verificação da participação da impulsividade motora e da expressão da raiva na incidência do ato infracional encontrou ressonância na literatura prévia que associou a presença de elevada impulsividade motora e por não planejamento com maiores problemas internos de ansiedade, depressão e da participação em agressões e ofensas (Zhou et al., 2014a). Sabe-se que a associação entre a impulsividade e a agressividade é uma realidade em infratores (Vilà-Balló et al., 2015), sendo essas variáveis importantes preditores para o comportamento violento (Zhou et al., 2014b).

Desse modo, confirmam-se as evidências indicativas do sentimento de raiva como risco para violência e quanto a sua expressão de maneira elevada em infratores (Kelly et al., 2019; Llorca Mestre et al., 2017), sendo, portanto, precursor de problemas externalizantes de agressão (Urban et al., 2017). Podem, ainda, apresentar relação com a resposta inibitória (Feilhauer et al., 2012; Gupta et al., 2015). Neste estudo, as evidências comprovam a presença de associações entre o uso de drogas, níveis de raiva e dificuldades no controle da conduta (Welch-Brewer & Roberts-Lewis, 2011), com presença de alta impulsividade.

O estudo desse constructo se revela importante por sua relação com o autocontrole (Wilhelm et al., 2020), o desenvolvimento da capacidade de planejamento (Niv et al.,

2012) e de julgamento prévio à ação (Dougherty et al., 2004) que, juntos, podem indicar o desenvolvimento de mecanismos *top-down* do controle da conduta (Arain et al., 2013; Tetteh-Quarshie & Risher, 2023) – necessários face à avaliação de aprendizagens dos adolescentes quanto à cultura do crime e no comportamento de busca de emoções (Joyal et al., 2020; Tieskens et al., 2023). Nesse processo, sabe-se que a idade é essencial para a diminuição dos indicadores de impulsividade (Shannon et al., 2011), que demonstra a importância do desenvolvimento das funções executivas como fator protetivo face às variáveis internalizantes e externalizantes do comportamento adolescente (Shannon et al., 2011).

Relativo aos instrumentos utilizados na pesquisa, verificou-se que o público avaliado apresentou dificuldades nas atividades de autorrelato empregadas. Ainda que essas atividades tenham sido apontadas como boas para a previsão da reiteração (Fine et al., 2016), há necessidade de considerar as especificidades desse público na avaliação e compreensão dos dados, tal como o efeito da escolarização nos processos avaliados. Destaca-se, ainda, que os dados encontrados precisam ser avaliados em conjunto, considerando a associação com a escolarização, a constituição familiar e os níveis de IMP e RA no entendimento do desfecho ato infracional. Esses auxiliam na compreensão do papel do ambiente no desenvolvimento cerebral (Xia et al., 2022), em especial, a busca de sensações (Tieskens et al., 2023) que pode atuar sobrepondo-se ao controle inibitório em desenvolvimento na adolescência (Tetteh-Quarshie & Risher, 2023). Logo, em sua totalidade, os dados auxiliam na ruptura de compreensões limitadas ao indivíduo e permitem inseri-los nas múltiplas influências contextuais que compõem a violência interpessoal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo identificou níveis de raiva e impulsividade em amostra de adolescente em conflito com a lei privado de liberdade que, comparados a estudos prévios, foram mais elevados. Nessas duas variáveis a condição de grupo (primário e reiteração) não apresentou diferenças e, quanto ao uso de drogas, verificou-se elevado consumo na vida de drogas lícitas (álcool, cigarro, energético e narguilé) e ilícitas, como a presença do consumo de maconha na vida, no ano e no mês do ato infracional. Especificidades quanto ao consumo na vida indicaram um consumo maior de maconha nos primários e maior consumo de cocaína nos reincidentes. No mês anterior ao ato, reincidentes apresentaram maior consumo de inalantes. O uso de drogas em até seis meses do ato infracional foi maior para primários e, no mês do ato infracional, foi maior para os reincidentes. Essa variável externalizante auxiliou na explicação do ato infracional, sendo um fator de risco para essa conduta. Assim, associações entre níveis de impulsividade, níveis de raiva e uso de drogas estiveram presente com o desfecho ato infracional, indicando serem fatores importantes em processos avaliativos e definições de perfis para tratamentos.

Este estudo tem limitações quanto ao não uso de randomização, que poderia indicar diferenças precisas para a condição de conflito com a lei. Relativo aos dados, por serem de uma única capital, salienta-se a importância de replicações em amostras de outras localidades. Os instrumentos, ainda

que escolhidos por serem mais simples, foram alvo de relatos de dificuldades no processo de resposta que, devido a especificidades da amostra (escolarização e nível socioeconômico), realçam a importância de estudos de desenvolvimento de instrumentos próprios para esses indivíduos. Em relação à literatura utilizada, destaca-se que são estudos importantes para o entendimento do público de estudo e na condição de privação de liberdade. São pontos relevantes deste estudo o fato de ter feito uso de uma amostra pouco estudada e de difícil acesso. Essa realidade, ao ser identificada e descrita, poderá oferecer indicadores com importante emprego no tratamento do enfrentamento e na gestão de estresse, no manejo da raiva, na promoção de aprendizagem de comportamentos saudáveis e adaptativos em substituição a comportamentos de agressão, na intervenção de reestruturação cognitiva e desenvolvimento de habilidades sociais. Todas elas devem considerar a importância do desenvolvimento do controle inibitório nesses indivíduos. Os resultados também poderão ser utilizados para o gerenciamento de políticas públicas e aplicação no acompanhamento dos socioeducandos privados de liberdade. Novas pesquisas podem ser realizadas enfatizando-se o papel de exposição precoce à adversidade, uso de drogas na família e situação ambiental desfavorável, com ACL em situação de PLIS.

Referências

- Aebi, M., Bessler, C., & Steinhausen, H. C. (2021). A Cumulative Substance Use Score as a Novel Measure to Predict Risk of Criminal Recidivism in Forensic Juvenile Male Outpatients. *Child psychiatry and human development*, 52(1), 30–40. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-00986-7>
- Aghajani, M., Klapwijk, E. T., Andershed, H., Fanti, K. A., van der Wee, N., Vermeiren, R., & Colins, O. F. (2021). Neural processing of socioemotional content in conduct-disordered juvenile offenders with limited prosocial emotions. *Progress in neuro-psychopharmacology & biological psychiatry*, 105, 110045. <https://doi.org/10.1016/j.pnpbp.2020.110045>
- Al-Kassab-Córdova, A., Cornejo-Venegas, G., Gacharna-Madrigal, N., Baquedano-Rojas, C., De La Borda-Prazak, G., & Mejia, C. R. (2021). Factors associated with frequent marijuana consumption in young people before admission to juvenile detention centers in Peru. *Adicciones*, 0(0), 1506. Advance online publication. <https://doi.org/10.20882/adicciones.1506>
- Arain, M., Haque, M., Johal, L., Mathur, P., Nel, W., Rais, A., Sandhu, R., & Sharma, S. (2013). Maturation of the adolescent brain. *Neuropsychiatric disease and treatment*, 9, 449–461. <https://doi.org/10.2147/NDT.S39776>
- Armond, R. M. (2018). *Ato infracional com ou sem violência praticado por adolescentes e fatores associados*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ODON-B6REKS>
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). (2021). Critério de classificação econômica Brasil. <https://www.abep.org/criterio-brasil>
- Bono, E. L. (2015). *Adolescentes em conflito com a Lei: relações entre o comportamento delituoso e o de uso de substâncias psicoativas*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto,

- Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto]. <https://doi.org/10.11606/D.59.2015.tde-14122015-121319>
- Borrani, J., Frias, M., Ortiz, X., Garcia, A., & Valdez, P. (2015). Analysis of cognitive inhibition and flexibility in juvenile delinquents. *Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, 26(1), 60–77. <https://doi.org/10.1080/14789949.2014.971852>
- Brasil. Senado Federal. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990 (1990). Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e das outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF. Recuperado em 07 setembro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Brasil. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE. Lei n. 12594, de 18 de janeiro de 2012 (2012). Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional. Diário Oficial da União. Brasília, DF. Recuperado em 07 de setembro, 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm
- Carlini, E. L. de, Noto, A. R., Sanchez, Z. V. D. M.; Carlini, C. M. A., Locatelli, D. P., ..., Moura, Y. G. (2010). *VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras*. São Paulo: CEBRID - Centro Brasileiro de Informações. <https://www.cebrid.com.br/levantamento-estudantes-2010/>
- Casey, B. J., & Jones, R. M. (2010). Neurobiology of the adolescent brain and behavior: implications for substance use disorders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 49(12), 1189–1285. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2010.08.017>
- Cope, L. M., Ermer, E., Gaudet, L. M., Steele, V. R., Eckhardt, A. L., Arbabshirani, M. R., Caldwell, M. F., Calhoun, V. D., & Kiehl, K. A. (2014). Abnormal brain structure in youth who commit homicide. *NeuroImage. Clinical*, 4, 800–807. <https://doi.org/10.1016/j.nicl.2014.05.002>
- de Almeida, R. M. M., Broch Trentini, L., Andreza Klein, L., Rössler Macuglia, G., Hammer, C., & Tesmmer, M. (2014). Uso de Álcool, Drogas, Níveis de Impulsividade e Agressividade em Adolescentes do Rio Grande do Sul. *Psico*, 45(1), 65-72. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.1.12727>
- de Santos, A. L. M., Komatsu, A. V., & Bazon, M. (2020). Aspectos de Personalidade em Adolescentes Infratores Violentos e Não Violentos segundo Inventário de Jesness: Um Estudo Comparativo. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13(2), 1-20. <https://dx.doi.org/10.36298/gerais202013e14859>
- Dougherty, D. M., Mathias, C. W., Tester, M. L., Marsh, D. M. (2004). Age at First Drink Relates to Behavioral Measures of Impulsivity: The Immediate and Delayed Memory Tasks. *Alcohol Clin Exp Res*, Vol 28, No 3, 2004: pp 408–414. <https://doi.org/10.1097/01.alc.0000117834.53719.a8>
- Ellingson, J. M., Bidwell, L. C., Hopfer, C. J., Hutchison, K. E., & Bryan, A. D. (2019). Correlates and Potential Confounds of Cannabis Withdrawal Among High-Risk Adolescents. *Journal of studies on alcohol and drugs*, 80(5), 557–562. <https://doi.org/10.15288/jsad.2019.80.557>
- Feilhauer, J., Cima, M., Korebrits, A., & Kunert, H. J. (2012). Differential associations between psychopathy dimensions, types of aggression, and response inhibition. *Aggressive behavior*, 38(1), 77–88. <https://doi.org/10.1002/ab.20415>
- Fine, A., Steinberg, L., Frick, P. J., & Cauffman, E. (2016). Self-control assessments and implications for predicting adolescent offending. *Journal of Youth and Adolescence*, 45(4), 701–712. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0425-2>
- Gupta, A., Biddala, O. S., Dwivedi, M., Variar, P., Singh, A., Sen, S., Bhat, P. S., Kunte, R., Nair, V., & Shankar, S. (2015). Sociodemographic characteristics and aggression quotient among children in conflict with the law in India: A case-control study. *The National medical journal of India*, 28(4), 172–175.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020). Pesquisa nacional de saúde: 2019: acidentes, violências, doenças transmissíveis, atividade sexual, características do trabalho e apoio social: Brasil / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2020. 101p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101800.pdf>
- Joyal, C. C., Tardif, M., & Spearson-Goulet, J. A. (2020). Executive Functions and Social Cognition in Juveniles Who Have Sexually Offended. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*, 32(2), 179–202. <https://doi.org/10.1177/1079063218807487>
- Kelly, E. L., Novaco, R. W., & Cauffman, E. (2019). Anger and depression among incarcerated male youth: Predictors of violent and nonviolent offending during adjustment to incarceration. *Journal of consulting and clinical psychology*, 87(8), 693–705. <https://doi.org/10.1037/ccp0000420>
- Komatsu, A. V., Bono, E. L., & Bazon, M. R. (2021). Padrões de Uso de Drogas e Problemas Associados em Adolescentes Judicializados. *Psico-USF*, 26(2), 229–240. <https://doi.org/10.1590/1413-82712021260203>
- Llorca Mestre, A., Malonda, E., & Samper-García, P. (2017). Depression and aggressive behaviour in adolescents offenders and non-offenders. *Psicothema*, 29(2), 197–203. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.276>
- Luhring, G., Gauer, G., Vasconcellos, S., Davoglio, T., Silva, L., & Navarrete, S. S. (2014). Correlação entre traços de psicopatia e abuso de drogas em uma amostra de adolescentes brasileiros em conflito com a lei. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 2(1), 29–39. <http://dx.doi.org/10.18316/1226>
- Malloy-Diniz, L. F., Mattos, P., Leite, W. B., Abreu, N., Coutinho, G., Paula, J. J., Tavares, H., Vasconcelos, A. G., & Fuentes, D. (2010). Tradução e adaptação cultural da Barratt Impulsiveness Scale (BIS-11) para aplicação em adultos brasileiros. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 59(2), 99–105. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000200004>
- Moffitt, T.E. (2020). Innovations in Life-Course Crime Research—ASC Division of Developmental and Life-Course Criminology David P. Farrington Lecture, 2018. *Journal of Developmental and Life-Course Criminology*, 6, 251-255. <https://doi.org/10.1007/s40865-020-00153-5>
- Nascimento, M. M. (2006). Avaliação da Raiva. *Psicologia: Pesquisa & Transito*, 1, 65–67. <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>
- Niv, S., Tuvblad, C., Raine, A., Wang, P., & Baker, L. A. (2012). Heritability and longitudinal stability of impulsivity in adolescence. *Behavior Genetics*, 42(3), 378–392. <https://doi.org/10.1007/s10519-011-9518-6>
- Parcias, S. R.; Sombrio, L. S; Flügel, N. T.; Rosario, M. J. P.; Souza, M. C.; Guimarães, A. C. A. (2014). Comportamento impulsivo: um estudo em uma população de universitários. *Revista de Atenção à Saúde*, 12(42), 36-41. <https://doi.org/10.13037/rbcs.vol12n42.2176>
- Shannon, B. J., Raichle, M. E., Snyder, A. Z., Fair, D. A., Mills, K. L., Zhang, D., Bache, K., Calhoun, V. D., Nigg, J. T., Nagel, B. J., Stevens, A. A., & Kiehl, K. A. (2011). Premotor functional connectivity predicts impulsivity in

- juvenile offenders. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, 108(27), 11241–11245. <https://doi.org/10.1073/pnas.1108241108>
- Spielberger, C. D., & Biaggio, A. (1992/2003). *Manual do STAXI*. São Paulo: Vetor.
- The jamovi project (2022). *jamovi*. (Version 2.3) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>
- Tetteh-Quarshie, S., & Risher, M. L. (2023). Adolescent brain maturation and the neuropathological effects of binge drinking: A critical review. *Frontiers in neuroscience*, 16, 1040049. <https://doi.org/10.3389/fnins.2022.1040049>
- Tieskens, J. M., van Lier, P. A. C., Buil, J. M., & Barker, E. D. (2023). Sensation-seeking-related DNA methylation and the development of delinquency: A longitudinal epigenome-wide study. *Development and Psychopathology*, 35(2), 791–799. <https://doi.org/10.1017/S0954579422000049>
- Urban, S., Stéphan, P., Habersaat, S., Francescotti, E., Fegert, J. M., Schmeck, K., Perler, C., Gasser, J., & Schmid, M. (2017). Examination of the importance of age of onset, callous-unemotional traits, and anger dysregulation in youths with antisocial behaviors. *European child & adolescent psychiatry*, 26(1), 87–97. <https://doi.org/10.1007/s00787-016-0878-6>
- Vega-Cauch, J. I., & Zumá, F. M. (2019). Variables Asociadas al Inicio y Consumo Actual de Sustancias en Adolescentes en Conflicto con la Ley. *Anuario de psicología jurídica*, 29(1). <http://dx.doi.org/10.5093/apj2018a13>
- Vieira, H. de M. (2014). *Características psicométricas da escala de impulsividade de Barratt em adolescentes*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba/PR]. <https://tede.utp.br/jspui/handle/tede/1538>
- Vilà-Balló, A., Cunillera, T., Rostan, C., Hdez-Lafuente, P., Fuentemilla, L., & Rodríguez-Fornells, A. (2015). Neurophysiological correlates of cognitive flexibility and feedback processing in violent juvenile offenders. *Brain research*, 1610, 98–109. <https://doi.org/10.1016/j.brainres.2015.03.040>
- Vygotsky, L. S. (2000). *Obras Escogidas III. Problemas del desarrollo de la psique*. Madrid: A. Machado Libros.
- von Diemen, L. (2006). *Associação entre impulsividade, idade do primeiro consumo de álcool e abuso de substâncias psicoativas em adolescentes de uma região do sul do Brasil*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre]. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10073/000594494.pdf?sequence=1>
- von Diemen, L., Szobot, C. M., Kessler, F., & Pechansky, F. (2007). Adaptation and construct validation of the Barratt Impulsiveness Scale (BIS 11) to Brazilian Portuguese for use in adolescents. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 29(2), 153–156. <https://doi.org/10.1590/s1516-44462006005000020>
- Wei, X., Adamson, H., Schwendemann, M., Goucha, T., Friederici, A. D., & Anwender, A. (2023). Native language differences in the structural connectome of the human brain. *NeuroImage*, 270, 119955. <https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2023.119955>
- Welch-Brewer, C. L., & Roberts-Lewis, A. C. (2011). Examining the psychosocial functioning and characteristics of incarcerated girls with a substance use disorder. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 28(3), 175–187. <https://doi.org/10.1007/s10560-011-0226-0>
- Willhelm, A. R., Fortes, P. M., Czermainski, F. R., Rates, A. S. A., & Almeida, R. M. M. (2016). Avaliação neuropsicológica e comportamental da impulsividade em adolescentes: Uma revisão sistemática. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 38(3), 128–135. <https://doi.org/10.1590/2237-6569-2015-0019>
- Willhelm, A. R. (2019). *Impulsividade, agressividade e uso de álcool e drogas na adolescência*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/202502/001105269.pdf?sequence=1>
- Willhelm, A. R., Pereira, A. S., Czerminski, F. R., Nogueira, M., Levandowski, D. G., Volpato, R. B., & Almeida, R. M. M. (2020). Aggressiveness, Impulsiveness, and Use of Alcohol and Drugs: Understanding Adolescence in Different Contexts. *Trends in Psychology*, 28, 381–398. <https://doi.org/10.1007/s43076-020-00022-6>
- Xia, Y., Xia, M., Liu, J., Liao, X., Lei, T., Liang, X., Zhao, T., Shi, Z., Sun, L., Chen, X., Men, W., Wang, Y., Pan, Z., Luo, J., Peng, S., Chen, M., Hao, L., Tan, S., Gao, J. H., Qin, S., ... He, Y. (2022). Development of functional connectome gradients during childhood and adolescence. *Science bulletin*, 67(10), 1049–1061. <https://doi.org/10.1016/j.scib.2022.01.002>
- Zachrisson, L., Ruchkin, V., Stickley, A., & Kuposov, R. (2017). Inhalant Use and Mental Health Problems in Russian Juvenile Delinquents. *Substance use & misuse*, 52(12), 1616–1623. <https://doi.org/10.1080/10826084.2017.1293106>
- Zhou, J., Witt, K., Chen, C., Zhang, S., Zhang, Y., Qiu, C., Cao, L., & Wang, X. (2014a). High impulsivity as a risk factor for the development of internalizing disorders in detained juvenile offenders. *Comprehensive psychiatry*, 55(5), 1157–1164. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2014.03.022>
- Zhou, J., Witt, K., Zhang, Y., Chen, C., Qiu, C., Cao, L., & Wang, X. (2014b). Anxiety, depression, impulsivity and substance misuse in violent and non-violent adolescent boys in detention in China. *Psychiatry research*, 216(3), 379–384. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2014.01.024>